
O QUE DIZEM OS ESTUDOS BRASILEIROS SOBRE O RELACIONAMENTO INTERPESSOAL NO AMBIENTE ESCOLAR: UMA REVISÃO DE LITERATURA

WHAT BRAZILIAN STUDIES SAY ABOUT THE INTERPERSONAL RELATIONSHIP IN THE SCHOOL ENVIRONMENT: A LITERATURE REVIEW

Ana Moreira Borges De Macedo¹
Giovanna Beatriz Kalva Medina²

RESUMO

O presente trabalho consiste em uma revisão sistemática da literatura com o objetivo de identificar de que forma as relações interpessoais são desenvolvidas no ambiente escolar. Para tanto utilizou-se três bases de busca, sendo elas: Periódicos da CAPES, Scielo e LILACS, a partir do descritor “escola” somado aos descritores “relação professor-aluno”, “relacionamento interpessoal” e “desenvolvimento sócioemocional”. Estabeleceu-se como critérios de inclusão: estudos empíricos realizados com alunos e/ou professores da educação básica no contexto nacional, que abordassem o relacionamento interpessoal na escola pública ou privada. Os critérios de exclusão foram: revisões de literatura, estudos estrangeiros, artigos a partir da visão apenas dos familiares, estudos relacionados a outro nível de educação que não a educação básica ou com alunos com dificuldades ou transtornos de aprendizagem e artigos que tivessem como foco apenas o relacionamento interpessoal em uma única matéria escolar. Na pesquisa inicial foram encontrados 190 trabalhos e após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão e a retirada dos artigos repetidos, resultou-se em um total de 21 artigos do publicados no período de 2000 a 2014 selecionados. Para análise de dados foram estabelecidas quatro categorias: Habilidades Sociais; Relacionamento professor-aluno; Bullying, coerção e indisciplina ; e Intervenção. Os resultados apontam que os estudos analisados utilizaram diversos desenhos de pesquisa e diferentes instrumentos para avaliação, sendo alguns formais e outros informais. Poucos artigos mencionam a área do conhecimento denominada Habilidades Sociais e analisam a relação professor-aluno a partir de outros vieses. Por meio da categoria “relação professor-aluno” foi possível constatar que a sociedade, as escolas e os professores já perceberam a urgência de que as relações no ambiente escolar sejam aprimoradas, pois consideram que a escola modificou e ampliou seu papel, no entanto problematizaram a falta de instrumentalização desses profissionais para essa questão. Considera-se que essa revisão colaborou

¹ Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Psicóloga e Psicopedagoga. Curitiba-PR, Brasil. *E-mail*: anamacedo266@hotmail.com

² Doutoranda em Educação pela UFPR. Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Docente do curso de Psicologia da FAE Centro Universitário. Curitiba-PR, Brasil. *E-mail*: giovannabkmedina@gmail.com

para a compreensão de como a relação interpessoal entre professores e alunos tem sido abordada no contexto escolar brasileiro, apontando as dificuldades ainda existentes e as possibilidades que já estão sendo abordadas para que sejam aprimoradas. Espera-se que essa temática continue a ser explorada tendo em vista o benefício que pode trazer para a melhora do ambiente escolar e consequentemente da aprendizagem.

Palavras-chave: Relacionamento Interpessoal; Relação Professor-aluno; Ambiente Escolar; Desenvolvimento Socioemocional.

ABSTRACT

The present work consists of a systematic review of literature that pretended to identify how the interpersonal relations are developed in the school environment. For this purpose, three search bases were used: CAPES, SciELO and LILACS, with the descriptor «school» added to the descriptors «teacher-student relationship», «interpersonal relationship» and «socio-emotional development». It was established as inclusion criteria: empirical studies conducted with students and/or teachers of basic education in the national context, that approached the interpersonal relationship in the public or private school. The exclusion criteria were: literature review, foreign studies, articles from the perspective of family members only, studies related to education other than basic education or to students with learning difficulties or disorders and Articles focusing only on interpersonal relationships in a single school subject. In the first moment, 190 papers were found and after the application of the inclusion and exclusion criteria and the withdrawal of the repeated articles, a total of 21 papers published between 2000 and 2014 were selected. For data analysis, four categories were established: Social Skills; Teacher-student relationship; Bullying, coercion and indiscipline; and Intervention. The results indicate that the studies used several research designs and different instruments for evaluation, some of them standardized and others informal. Few articles mentioned the area of knowledge called Social Skills and analyze the student teacher relationship from other biases. Through the «teacher-student relationship» category, it was possible to verify that society, schools and teachers have already perceived the urgency of improving relations in the school environment, considering that the school has modified and enlarged its role, but still has a lack of professional resources that could be used for this issue. It is considered that this review collaborated to the understanding of how the interpersonal relationship between teachers and students has been approached in the Brazilian school context, pointing out the difficulties still existing and the possibilities that are already being addressed for their improvement. It is hoped that this theme will continue to be explored in view of the benefits it can bring to the improvement of the school environment and consequently of learning.

Keywords: Interpersonal Relationship; Teacher-student Relationship; School Environment; Social-emotional Development.

INTRODUÇÃO

Na medida em que a criança cresce lhe são exigidas diferentes habilidades sociais. Inicialmente, no ambiente familiar, a criança vivencia situações de aprendizagem caracterizadas por laços afetivos e de cuidado geralmente adaptados às suas necessidades individuais (Del Prette, Del Prette, 1998). Quando começa a frequentar o ambiente escolar, se depara com novas regras, interlocutores e papéis que exigem uma gama de novos comportamentos para sua adequada interação (Del Prette & Del Prette, 1998; 2013; Cia & Barham, 2009). Esse novo ambiente além de ser um espaço de aprendizagem do saber científico organizado culturalmente também é local privilegiado para a transmissão e consolidação de conhecimentos sociais e desenvolvimento da capacidade de se relacionar e de interagir (Arón & Milicic, 1994).

Del Prette & Del Prette (2006) apontam que nessa perspectiva a escola tem recebido a responsabilidade de ampliar o seu papel além do ensino acadêmico para atender as demandas que os problemas sociais impõe, assim como é chamada a contribuir para a formação geral do aluno, ou seja, também em relação a aquisição de valores, mudanças de atitudes e formas de convivência. Dessa forma questões de relações interpessoais tem sido tema recorrente dentro do cotidiano escolar.

O ato de ensinar promovido nesse ambiente, antes referia-se apenas a transmissão de conhecimento para um aluno passivo, no entanto, as atuais concepções sobre esse processo já superaram essa visão e o entendem como uma tarefa mais complexa a qual envolve mediar, orientar e promover capacidades intelectuais e também sócio-emocionais dos alunos, para isso estabelecendo uma relação de confiança e uma melhora na comunicação entre professor e aluno, a fim de que aconteça não apenas a aprendizagem do conteúdo mas também desenvolvimento geral dos estudantes (Junckes, 2013). Para tanto e compreendendo a educação como um processo social, faz-se necessária a existência de qualidade nas relações que se desenvolvem nesse contexto, principalmente entre professor e aluno, pois estas são consideradas fundamentais para a consolidação do processo educativo (Del Prette & Paiva, 2005; Paiva & Del Prette, 2009).

Com o advento da paulatina transformação da pedagogia tradicional para a pedagogia nova, influenciada pelo cognitivismo, construtivismo e sócio-interacionismo foi dada grande ênfase para a interação professor-aluno, e desse profissional como mediador de interações sociais educativas, discutindo-se também a questão de sua competência interpessoal e habilidades educativas (Gauthier & Tardif, 2010). A correlação das habilidades sociais com o desempenho acadêmico vem sendo estudada na literatura nacional e estrangeira, e também a qualidade da relação interpessoal como um possível fator de superação das dificuldades encontradas na fase escolar (Del Prette & Del Prette, 2006). A forma e o tipo de relação interpessoal desenvolvidos por um indivíduo é influenciado pelo desenvolvimento interpessoal estabelecido ao longo da vida.

Para Del Prette & Del Prette (1998, p. 205) o desenvolvimento interpessoal é definido como “a capacidade de estabelecer e manter relações sociais de forma satisfatória em diferentes contextos e situa-se dentro da área de conhecimento denominada Habilidades Sociais”, esta por sua vez tem apresentado uma crescente quantidade de estudos relacionados ao contexto escolar e suas diversas questões educacionais. As Habilidades Sociais são conceituadas como sendo os comportamentos necessários para o bom convívio em determinada cultura ou contexto, que possibilitam a capacidade de resolução de problemas, articulação de pensamentos e sentimentos para lidar com as diversas situações e de relacionamento com os outros (Del Prette & Del Prette, 2005). Considerando que possibilitar condições de desenvolvimento interpessoal e estabelecer interações sociais produtivas e satisfatórias podem gerar melhorias no processo de ensino-aprendizagem, compreende-se o motivo desse tema vir sendo estudado em interface com as questões educacionais e escolares. (Molina e Del Prette, 2006).

A literatura nacional e estrangeira demonstram uma crescente preocupação com o desenvolvimento emocional e as habilidades de relacionamento interpessoal relacionadas a educação escolar, devido a associações entre os déficits nessa área e o desajustamento social (Del Prette, 2011). Quando se fala em educação escolar, considera-se que o professor, participante do processo de ensino aprendizagem, é um profissional que valoriza a aquisição de habilidades interpessoais, mas ainda pouco a explora para promover condições de interações no processo de ensino e aprendizagem (Del Prette & Del Prette, 1997).

Assim, a importância das relações interpessoais sobre o desenvolvimento e aprendizagem na infância vem sendo reconhecida e sua correlação com problemas de comportamento e dificuldades de aprendizagem sugere que a adaptação escolar envolve tanto aspectos acadêmicos como interpessoais (Del Prette & Del Prette, 1997). As principais hipóteses para as dificuldades interpessoais são o déficit na aquisição de habilidades interpessoais, ou seja a ausência dessa habilidade; o baixo desempenho dessas habilidades, por exemplo, quando essa habilidade só é desempenhada em algumas situações, problemas de processamento de estímulos do ambiente que dificultam a discriminação da situação e das ações esperadas a serem realizadas, e problemas de percepção social e inibição pela ansiedade (Feitosa, Del Prette & Del Prette 2011).

O ato de ensinar atualmente é entendido como uma tarefa que envolve a promoção do desenvolvimento sócio-emocional dos alunos (Junckes, 2013). Ressalta-se dessa forma que o processo de ensino e aprendizagem é um processo social e, portanto, a qualidade das relações dele são consideradas fundamentais para sua consolidação (Del Prette & Paiva, 2005; Paiva & Del Pprette, 2009). Considera-se a partir disso que melhorar ou possibilitar condições de desenvolvimento interpessoal pode favorecer o processo de ensino e aprendizagem, justificando-se assim a importância desse tema ser estudado juntamente com as questões educacionais (Molina e Del Prette, 2006). Visto isso, o objetivo da presente revisão é relatar os

resultados de pesquisas sobre o desenvolvimento das relações interpessoais entre professores e alunos no ambiente escolar à partir de um levantamento das pesquisas brasileiras. Para tanto foram selecionados artigos empíricos sobre relacionamento interpessoal de professores e alunos da educação básica de instituições públicas ou particulares, que abordassem a visão de um desses dois autores do ambiente escolar. Pesquisas que relataram intervenções também farão parte desta revisão para que se possa esclarecer o que já tem sido feito, e quais práticas são efetivas, para assim iniciar uma reflexão sobre outras possibilidades de atuação com base nos resultados já encontrados.

MÉTODO

Para a elaboração da presente revisão foram definidas três bases de busca, sendo elas: Periódicos da CAPES, SciELO e LILACS, utilizando-se o descritor “escola” somado aos descritores “relação professor-aluno”, “relacionamento interpessoal” e “desenvolvimento socioemocional”. A pesquisa foi realizada em setembro de 2016 e estabeleceu-se como critérios de inclusão: estudos empíricos realizados com alunos e/ou professores da educação básica no contexto nacional, que abordassem o relacionamento interpessoal na escola pública ou privada. Como critérios de exclusão foram estabelecidos: teses e dissertações, trabalhos de revisões de literatura, estudos estrangeiros; artigos envolvendo apenas a visão dos familiares; estudos relacionados a outro nível de educação que não a educação básica; estudos envolvendo alunos com dificuldades ou transtornos de aprendizagem; e artigos que tivessem como foco apenas o relacionamento interpessoal em alguma matéria escolar específica como: matemática ou português.

Após a leitura dos artigos foi possível perceber a repetição de alguns temas centrais, sendo que de maneira geral o tema principal dos artigos abordou: a postura do professor; as interações entre professor e aluno; o comportamento dos alunos; bullying; coerção; indisciplina; e intervenções realizadas nesse contexto como forma de melhorar o relacionamento interpessoal. Mesmo os artigos tendo como temática central apenas um desses assuntos, muitos abordavam no decorrer de seu trabalho diversas questões que perpassam pelas demais temáticas. Dessa forma, para a presente análise foram estabelecidas quatro categorias: Habilidades Sociais; Relacionamento professor-aluno; Bullying, coerção e indisciplina e Intervenção.

RESULTADOS

Na pesquisa inicial foram encontrados 190 trabalhos, sendo 72 na CAPES, 73 na SciELO e 45 na LILACS. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão e a retirada dos artigos repetidos, resultou-se em um total de 21 publicações analisadas, sendo: 11 da CAPES, 8 SciELO e 4 Lilacs.

Tabela 1
Bases de dados dos artigos

Autores	Ano	Título	Capes	SciELO	Lilacs
Brasher	2000	Objetivos socioemocionais das atividades de conhecimento físico	X	X	
Guimarães, Souza & Silva	2000	O Significado da Indisciplina no Cotidiano da Escola	X		
Vieceli & Medeiros	2002	A coerção e suas implicações na relação professor-aluno	X	X	
Lopes e Gasparin	2003	Violência e conflitos na escola: desafios à prática docente	X		
Mondin	2004	Interações afetivas na família e na pré-escola			X
Cabral, Carvalho & Ramos	2004	Dificuldades no relacionamento professor-aluno: um desafio a superar			X
Tuleski et al.	2005	Voltando o olhar para o professor: a psicologia e pedagogia caminhando juntas	X		
Saud & Tonelotto	2005	Comportamento social na escola: diferenças entre gênero e séries			X
Wagner, Dotta & López	2006	O resgate da relação professor-aluno: uma intervenção no espaço escolar	X		
Cardinal & Marturano	2007	Meninos e meninas na educação infantil : associação entre comportamento e desempenho		X	
Parolin & Caldeira	2007	Formação de professores: um investimento em autoconhecimento		X	
Muñoz	2008	Educação nos valores: a pergunta pelo quem	X		
Martinelli & Schiavoni	2009	Percepção do aluno sobre sua interação com o professor e status sociométrico		X	
Picado & Rose	2009	Acompanhamento de pré-escolares agressivos: adaptação na escola e relação professor-aluno	X	X	
Patias, Blanco & Abaid	2009	Psicologia escolar: proposta de intervenção com professores		X	
Tognetta & Vinha	2010	Até quando? Bullying na escola que prega a inclusão social	X		
Libório & Neves	2010	Interações sociais e clima para criatividade em sala de aula		X	
Pizato, Maturano & Fontaine	2012	Trajetórias de habilidades sociais e problemas de comportamento no ensino fundamental: influência da educação infantil.	X		
Bento & Santos	2014	Atitudes do professor em sala de aula – um estudo	X		
Fiss & Barros	2014	Escola, currículo e identidades juvenis : efeitos de sentido no discurso de professores	X		
Pozzobon, Pezzi & Marin	2014	Compartilhando saberes : relato de uma intervenção com professores			X

Fonte: a pesquisa.

Em relação ao ano das publicações, percebeu-se um aumento entre os anos de 2006, 2009 e 2014. Encontraram-se publicações compatíveis com os critérios de inclusão e exclusão da presente revisão apenas a partir do ano 2000, e não foram localizados artigos datados de 2015 e 2016.

Dentre os trabalhos analisados onze utilizaram tanto professor quanto alunos como informantes e participantes. Sete utilizaram o professor como foco da pesquisa ou como informante, além de alvo de sua intervenção e apenas três utilizaram os alunos como únicos informantes. Além disso, quanto aos instrumentos utilizados notou-se que as entrevistas foram realizadas em sua totalidade com os professores, enquanto escalas e questionários foram utilizados também com os alunos. A observação foi mais utilizada com faixas etárias mais novas ou quando o objetivo era perceber a interação entre professores e alunos.

Dessa forma, considera-se que a maioria dos artigos optou por trabalhar com a pesquisa com professores e alunos, variando quanto a utilização dos instrumentos, mas priorizando a utilização de mais de um sujeito. Seguido pela utilização do viés apenas do professor com entrevistas e questionários. Por fim, somente três artigos utilizaram apenas o viés dos alunos. Em relação aos cinco artigos que apresentaram intervenções realizadas no contexto escolar, duas delas foram tanto com professores quanto com alunos e as demais realizadas apenas com os professores. A partir disso pode ser feita a consideração de que o professor aparenta ser considerado o principal responsável pelos acontecimentos decorrentes dentro do ambiente escolar que refletem na relação professor-aluno ou capaz de modificá-las. Também se faz a hipótese que este pode ser considerado como detentor de maior representatividade ou confiabilidade, sendo esta creditada pelos pesquisadores ao fazerem a escolha do sujeito para pesquisa. Ao contrário dos alunos, cuja visão foi utilizada como foco exclusivo em apenas três pesquisas, denotando que estes aparentam não receber tanto credibilidade por parte dos pesquisadores. Contudo, o fato de o maior número de pesquisas ser referente tanto ao professor quanto ao aluno, pode beneficiar os achados com a possibilidade de trazer maior compreensão sobre os diversos fatores que podem influenciar a relação professor-aluno.

Em relação aos instrumentos, explicitados na tabela 2, as pesquisas de Gardinal e Marturano (2007), Libório e Neves (2010), Martinelli e Schiavoni (2009), Picado e Rose (2009), Pizato, Marturano e Fontaine (2012), Saud e Tonelotto (2005) e Tognetta e Vinha (2010) utilizaram instrumentos padronizados. Os demais estudos tiveram seus instrumentos (questionários, entrevistas e protocolos de observações) construídos pelos próprios pesquisadores. Para que os estudos possam ser comparados e pensando na produção de conhecimento que acrescente a área avalia-se que as pesquisas devem refletir sobre a escolha de seu método e instrumentos, priorizando os que já sejam padronizados.

Tabela 2

Instrumentos Padronizados

Autores	Instrumentos
Cardinal & Marturano (2007)	QCDCC- Questionário para Caracterização do Desempenho e do Comportamento da Criança no Ambiente Escolar (Machado, Figueiredo & Selegato, 1989) ; Matrizes Progressivas Coloridas de Raven-Escala Especial, padronização brasileira (Angelini, Alves, Custódio, Duarte & Duarte, 1999); Sondagem de Leitura e Escrita (Escolano,2004)
Pizato, Maturano & Fontaine (2012)	NSE avaliado pelo critério Brasil (Associação Brasileira de Pesquisa [ABEP] 2003) ; Sistema de Avaliação de Habilidades Sociais, versão Brasileira (SSRS-BR ; Bandeira, Del Prette, Del Prette & Magalhães, 2009).
Libório & Neves (2010)	Escala sobre Clima para Criatividade em Sala de Aula (Fleith & Alencar,2005). Entrevista individual semi-estruturada e observações.
Saud & Tonelotto (2005)	Questionário de Capacidade e Dificuldades (SQD) (Goodman,1999).
Tognetta & Vinha (2010)	Questionário adaptado de Olweus (1998) e Fante (2005).
Martinelli & Schiavoni (2009)	Medida de avaliação da relação professor-aluno (Martinelli,2005).
Picado & Rose (2009)	Inventário de Comportamentos da Infância e Adolescência- Versão do Professor (Achenbach,1991) traduzido por Luizzi e De Rose (2003).

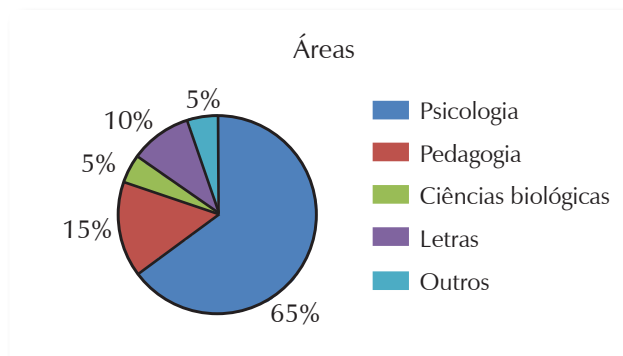
Fonte: a pesquisa.

Ainda relativo a comparações, o contexto mais utilizado tanto nas pesquisas como na realização das intervenções foi a escola pública, com o total de quinze artigos, seguidos de três realizados concomitantemente em escolas particulares e públicas e três em escolas particulares. Das cinco intervenções realizadas, duas ocorreram em escolas particulares, e uma em escola particular e pública. Dessa forma ao considerar apenas a realização das pesquisas 17, ou seja, 81% foram efetuadas no contexto de escolas públicas ou com profissionais atuantes na rede de ensino municipal e estadual, além da rede de ensino particular. A pesquisa de Tognetta e Vinha (2010) foi uma das que utilizou os dois contextos, e a única que estabeleceu uma comparação entre ambos. Seus resultados apontam que a escola pública teve maiores índices de bullying e violência, contudo a escola particular não foi isenta desses fatores, mas sim os apresentou com índices um pouco menores (diferenças de 6% e 17% em relação as afirmações dos alunos sobre já terem agredido alguém ou sofrido violência na escola, respectivamente). Dessa forma, considera-se que o contexto das escolas públicas tem sido priorizado para a realização de pesquisas, mas que é essencial que estas também sejam realizadas nas escolas particulares, pois apesar das diferenças ambas lidam com crianças e adolescente, fase tão importante para formação acadêmica e da cidadania.

Outra particularidade identificada nessa comparação inicial foi o maior número de publicações advindos da área da psicologia (65%), seguido pela área da pedagogia (15%) e demais licenciaturas (20%). A distribuição por áreas está especificada abaixo, no gráfico 1. Este dado

permite refletir sobre qual é o grupo de estudiosos que mais se preocupa com o desenvolvimento interpessoal dos alunos, e de que forma isso pode impactar na realidade da escola. Cabe aqui alguns questionamentos como: será que esse tema é pouco relevante para os professores? Será que existem outras demandas mais importantes a serem estudadas no campo da educação que justificam um menor interesse nesse tema?

Gráfico 1
Áreas de publicação



Fonte: a pesquisa.

HABILIDADES SOCIAIS

O presente estudo buscou identificar e compreender de que forma as relações interpessoais são desenvolvidas no ambiente escolar. A partir da revisão sistemática da literatura foram encontrados apenas quatro artigos que mencionam o conceito de habilidades sociais, sendo que em Mondin (2005) e Martinelli e Schiavoni, (2009) apenas em sua revisão de literatura. Essa quantidade chama atenção, pois conforme retomado no trabalho de Picado e Rose (2009), o estímulo para o desenvolvimento das Habilidades Sociais é necessário para a melhora da comunicação, cooperação e engajamento nas atividades escolares. E como demonstraram os resultados obtidos na pesquisa de Pizato, Marturano e Fontaine (2012) as intervenções na escola para promoção de Habilidades Sociais são proveitosas, pois a influência do ambiente é considerada como favorável para o desenvolvimento e manutenção das Habilidades Sociais, sendo assim sua promoção a partir de intervenções pode possibilitar a prevenção de problemas de comportamento.

RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

O estudo de Parolin e Caldeira (2007) foi realizado a partir da consideração de que as mudanças sociais, científicas e socioeconômicas vivenciadas modificaram o papel da escola, que passou a ser o de desenvolver habilidades necessárias para que o sujeito transforme informação em conhecimento e que este por sua vez transforme o sujeito, e assim esse movimento possa repercutir em mudanças sociais. Para os autores, famílias e escolas redirecionam suas expectativas

e formas de conduzir os processos educativos e precisam “desaprender” uma antiga forma de fazer escola e adaptar-se aos novos tempos, sendo necessário que os professores tenham “mentes despertas para a delicadeza das relações que educam” (Parolin & Caldeira, 2007, p. 176).

Quanto ao papel do professor em sala de aula, este é considerado a partir da pesquisa de Tuleski, Menechinni, Silva, Sponchiado e Colchon (2005) como sendo de interferir no meio, para fornecer mediações, pistas e informações que auxiliem o desempenho dos alunos. Os resultados da pesquisa de Libório e Neves (2009) apontam que para os professores, o papel da relação professor-aluno é o de estabelecer uma relação de cumplicidade, confiança e empatia. O artigo de Bento e Santos (2014) argumenta que esse profissional deve ter consciência que suas atitudes influenciam o aluno, tanto no que se refere à aprendizagem quanto no seu desenvolvimento como pessoa, e, portanto, além de preparar atividades voltadas ao desenvolvimento cognitivo é essencial que o professor pense em propiciar um ambiente adequado e agradável. A partir de seu estudo, Munõz (2008) enfatiza que deve-se estabelecer um novo olhar no qual o aluno seja parceiro e onde o conflito seja visto como oportunidade, precisando para isso, que a flexibilidade, proximidade, disponibilidade e atenção para as necessidades do aluno sejam características primordiais dos professores.

Considerando que o ambiente escolar é complexo e composto por diversos participantes, é importante retomar que o desempenho educativo não depende apenas do professor. Assim como enfatizado no trabalho de Patias, Blanco e Abaid (2009) o desempenho depende de um conjunto de fatores como as vivências e características pessoais dos docentes e dos alunos, dos diretores e do contexto escolar como um todo. Pozzobon, Pezzi e Marin (2014) constataram que os próprios professores apontam para o pouco desenvolvimento de habilidades para o relacionamento entre os colegas, dessa forma para os autores além do fortalecimento da relação professor-aluno também é necessário pensar na relação professor-professor e professor-equipe diretiva, ou seja, em todas as relações que se estabelecem no contexto escolar.

Além disso, Muñoz (2008) retoma que não existem soluções únicas ou milagrosas para os problemas da relação professor-aluno, e considera devido à complexidade de estabelecer-se uma educação de qualidade que são necessárias políticas públicas para responder ao desafio de estabelecer uma educação democrática e inclusiva. Em relação a isso é possível problematizar que os professores exercem um papel primordial no contexto da aprendizagem, contudo não podem ser considerados os únicos responsáveis. Embora ainda sejam poucos os estudos que envolvem e investigam a influência de outras variáveis, é fundamental a compreensão de que o professor necessita contar com o apoio dos demais membros da comunidade escolar, além da contribuição de outros aspectos, por exemplo, a elaboração de políticas públicas que possam contribuir com a melhoria dessa integração.

Em seu artigo Wagner, Dotta e López (2006) constataram que a melhora na qualidade de interação professor-aluno resultou em mudanças efetivas tanto nas atitudes da professora como nas estratégias e práticas educativas utilizadas por ela, que por sua vez favoreceram o rompimento

de um padrão de relacionamento improdutivo e possibilitaram um maior envolvimento com os alunos e conseqüentemente mudanças nas atitudes destes. A forma pela qual a criança se percebe no contexto escolar e em relação a seus professores influencia diretamente em seu comportamento, na forma de se estimar e estimar aos outros, sendo que quanto mais a criança percebe-se como rejeitada pelo seu professor, maior é também sua rejeição pelos pares.

Isso foi comprovado pela pesquisa de Martinelli e Schiavoni (2009) que também demonstrou que a maioria das crianças percebe sua relação com os professores de forma positiva, contudo o desvio padrão é acentuado, ou seja, algumas crianças percebem essa relação de forma muito negativa. Os autores consideram que a fase escolar é o momento em que as relações sociais se ampliam, é fundamental a figura do professor como modelo adulto, sendo que é com esta figura que a criança irá mediar sua relação com o conhecimento e com a escola. O próprio interesse do aluno, como demonstrado por Libório e Neves (2009) depende da atenção do professor em considerar suas habilidades e estilos de aprendizagem para promover o envolvimento dele nas atividades propostas. Entende-se, portanto que a qualidade dessa relação é de extrema importância e pode servir como modelo para os alunos estabelecerem relações entre pares favoráveis, as quais também podem contribuir para o bom desenvolvimento dos alunos e criação de um ambiente e clima adequado e motivador para as demais aprendizagens, contudo o estudo das relações entre pares foi pouco abordado.

A qualidade do ensino tem sido posta em pauta entre agentes da educação e políticos, sendo estudada por Cabral, Carvalho e Ramos (2004) que consideram o bom relacionamento entre professor e aluno como um dos elementos centrais para garantir qualidade no processo educativo. Esses autores focaram sua pesquisa nessa relação e concluíram que na prática as relações que se estabelecem entre esses dois atores do processo educativo muitas vezes são ritualísticas, sem vida e mecânicas, sendo que os professores consideram a falta de disciplina o maior problema, enquanto os alunos mencionam diversos fatores, reconhecem suas ações negativas, mas não se preocupam em modificá-las. Agregando a essas colocações, os achados de Bento e Santos (2014) indicam que muitos professores têm consciência de que suas atitudes influenciam os alunos, contudo, não atuam em suas aulas considerando isso e não agem de maneira condizente. O artigo de Fiss e Barros (2014) acrescenta que permanece um desafio para os professores enxergarem seus alunos como sujeitos com uma trajetória de vida específica, pois os alunos continuam a ser compreendidos de uma forma homogeneizadora que reflete uma escola ainda pensada pelos paradigmas dominantes. Novamente compreende-se que os professores já têm consciência da importância da relação e da forma de tratar os alunos e ministrar as aulas, contudo ainda não modificam sua postura.

A instrumentalização do professor foi considerada a partir do trabalho de Pozzobon, Pezzi e Marin (2014) como fundamental e impreterível para proporcionar um processo educativo de qualidade, auxiliar os alunos na aprendizagem formal e também nas questões de enfrentamento de problemas emocionais e interpessoais. A escassa instrumentalização para lidar com conflitos em sala foi afirmada pelos próprios professores como um dos dificultadores. Dessa forma para os

autores faz-se necessário repensar a formação dos professores, pois um profissional fragilizado não será capaz de contribuir plenamente. Em conformidade com isso, Muñoz (2008) conclui em seu estudo que é indispensável que os professores ressignifiquem sua relação com o aluno e estejam abertos para a aquisição de novas habilidades e competências didáticas. Em pesquisa realizada por Libório e Neves (2009) os próprios professores sugeriram que um ambiente adequado, estimulante e tranquilo é favorável à relação professor-aluno, além da utilização de recursos adequados para cada faixa etária. Outro reconhecimento por parte desses profissionais foi relativo à importância de suas histórias pessoais no seu processo de formação, constatado por Parolin e Caldeira (2009). Que mostra que cada professor traz consigo uma bagagem pessoal e intelectual que irá impactar diretamente em sua atuação com os alunos.

BULLYING, COERÇÃO E INDISCIPLINA

Outra categoria selecionada para análise deste trabalho foi relacionada a aspectos considerados negativos na relação professor-aluno no ambiente escolar. Um desses aspectos é a violência que foi abordada como foco em alguns artigos e mencionada por outros mesmo não sendo seu tema central. Frente a isso, e tendo em vista que se exige do ambiente educacional atualmente muito mais do que a mera transmissão do conhecimento, em seu estudo Parolin e Caldeiras (2007) enfatizam que é necessária a formação e instrumentalização do professor para lidar com aspectos comportamentais e também relacionais. Com a realização de sua pesquisa-ação, sendo esta uma investigação realizada durante seis meses com adolescentes de uma escola municipal de Ensino Fundamental para verificar fatores que favorecessem o desenvolvimento de comportamentos pró-sociais Muñoz (2008) constatou uma diminuição de 80% de ocorrências registradas no diário de classe do colégio, referente a comportamentos violentos, após a intervenções pontuais envolvendo esse tema, o que denota a possibilidade da melhora e redução das dificuldades comportamentais dos alunos quando há interesse e dedicação para tal.

Outro tema recorrente no ambiente escolar é a indisciplina, que conforme compreendido no artigo de Tuleski et al. (2005) pode ser gerada devido a metodologia e procedimentos de certa forma inadequados como estratégias de negociação que podem gerar uma relação baseada apenas na troca, e transmissão da ideia de que estar em aula é algo negativo que deve ser compensado. Em consonância com essa afirmação, Wagner, Dotta e López (2006) reforçam que é essencial ressaltar a necessidade de desenvolver e aprimorar as habilidades dos professores para lidarem com situações cotidianas que sejam possíveis geradoras de indisciplina considerando que estes, como explicitado na pesquisa de Guimarães, Souza e Silva (2000), lidam com esses comportamentos muitas vezes utilizando chantagens e/ou mentiras, além de utilizarem, por exemplo, o reforço escolar como forma de castigo. Essa afirmação é compatível com outros estudos da área os quais indicam que professores costumam comumente utilizar recursos didáticos como tarefas a mais ou leituras de livros como punição (Oliveira, 1998).

Outras situações pontuadas como inapropriadas e denotadas também na pesquisa de Guimarães, Souza e Silva (2000) referem-se à indiferença do professor frente a uma circunstância inadequada ou que fuja de seu controle, e sugerem estas como uma forma de agressão da parte desse profissional para com os alunos. Além da prática autoritária, apontada no trabalho de Cabral, Carvalho e Ramos (2004), a qual pode gerar conflitos que interferem de forma prejudicial na relação professor-aluno, sendo que apesar dos professores terem consciência disso afirmam que muitas vezes utilizam do autoritarismo, pois percebem este como a única maneira de conseguirem a colaboração de seus alunos.

A coerção, foco da pesquisa realizada por Vicieli e Medeiros (2002) a partir da observação direta em sala de aula, também foi pontuada como prática inadequada utilizada no ambiente escolar. Os autores problematizam que apesar de suas consequências negativas e devido a seus efeitos imediatos a coerção tornou-se uma estratégia muito utilizada pelos professores, os quais não são ensinados como agir sem utilizá-la, mas possuem apenas o conhecimento que ela não é adequada. Constataram também que os professores utilizam coerção e reforçamento positivo de forma diferente conforme o grupo de alunos, com histórico de fracasso escolar ou não, sendo que o grupo com histórico de fracasso escolar avaliado teve índices elevados de punição para seus comportamentos, tanto não acadêmicos quanto acadêmicos. Os pesquisadores compreendem que a punição diminui a probabilidade de emissão de comportamentos, e assim alunos mais punidos tendem a participar menos, o que pode explicar os baixos índices de comportamentos não acadêmicos desse grupo pela insegurança que pode ser gerada na sua participação acadêmica.

Em sintonia com essa postura do educador, Guimarães, Souza e Silva (2000) encontraram como resultado a constatação de que o professor não é o único a formar expectativas prévias sobre os alunos, mas que também a escola julga identificar antecipadamente os alunos de sucesso ou fracasso, tendendo a segregar os que supõem serem propensos a fracasso escolar. Complementando sobre a coerção, Brascher (2000) aponta em seu estudo que quando a aprendizagem se dá através da pressão coercitiva do meio, sem a possibilidade de o aluno fazer questionamentos, suas experiências não serão suficientes para desenvolver atitude de avaliação crítica. Assim, esse estudo afirma que é essencial a relação entre o adulto e a criança, mas sempre no sentido de possibilitar a autonomia e o questionamento da mesma.

Por fim, outra situação prejudicial que atinge as crianças e adolescentes no ambiente escolar é o bullying, alvo da pesquisa realizada por Tognetta e Vinha (2010), os quais afirmam que o fenômeno em questão ainda não é compreendido ou legitimado por todos os educadores como uma forma de violência. A partir da análise de uma amostra de 210 alunos do sexto ano do fundamental, de escola pública e particular os resultados apontaram que 27% e 21% dos alunos, da escola pública e particular respectivamente afirmaram já terem agredido alguém na escola. Além de 67% e 57% dos participantes terem respondido que já foram alvo de violência no ambiente escolar. Os pesquisadores perceberam maiores índices na escola pública, além de indicarem o despreparo e desconhecimento dos professores quanto a formas de intervenção

para o bullying. Outro estudo conduzido pelos mesmos autores, e abordado no mesmo artigo com objetivo de realizar uma futura intervenção, utilizou uma amostra com participantes do quarto ao nono ano, e apontou para uma diminuição das porcentagens dos índices de violência conforme o passar dos anos, além da recusa dos professores em reconhecerem que suas metodologias estão defasadas para lidar com esse fenômeno relativamente recente.

INTERVENÇÃO

A última categoria analisada refere-se aos artigos selecionados que propuseram intervenções, sejam elas realizadas com os alunos, professores ou ambos. Seus objetivos, sujeitos, procedimentos e resultados estão resumidos e explicitados na tabela abaixo.

Tabela 3

Resumo das intervenções analisadas

continua

Autores	Objetivo da intervenção	Sujeitos	Planejamento	Resultados
Caldeira e Parolin (2007)	Projeto de formação para professores com foco na melhora da competência, seguida da avaliação dos resultados	22 professores de uma escola da rede particular, participantes da intervenção. 582 alunos dessa mesma escola da 3ª série do Ensino Fundamental ao 1º ano do Ensino Médio participantes da pesquisa	5 módulos com os temas: aprendendo a conhecer-se; aprendendo a conhecer, ensinando e aprendendo; aprendendo a fazer; redefinição. Análise estatística feita a partir da visão dos alunos com grupo experimental e grupo controle	Os alunos do grupo experimental pareceram mais satisfeitos na sua avaliação dos professores que participaram da intervenção, relatando de forma mais positiva que estes gostam de ensinar, deixam as aulas interessantes e acreditam em seus alunos
Pozzobon, Pezzi e Marin (2014)	Intervenção com professores para percepção da sua motivação e auxílio em sua busca por um novo posicionamento em relação a conflitos com colegas e em sala de aula	55 professores da rede Estadual e Particular de uma cidade no Rio Grande do Sul	Três encontros com duração aproximada de uma hora e meia com os temas: motivação; comunicação e relações interpessoais; importância do professor e sua relação professor-aluno	Percebeu-se a pouca instrumentalização dos professores, culpabilização desses profissionais e a possibilidade da melhora do trabalho a partir de intervenções planejadas

Tabela 3

Resumo das intervenções analisadas

conclusão

Autores	Objetivo da intervenção	Sujeitos	Planejamento	Resultados
Patias, Blanco e Abaid (2009)	Intervenção para possibilitar a reflexão dos envolvidos no contexto escolar para aperfeiçoamento das suas atitudes e melhora na qualidades das relações pessoais para aprimorar também os resultados do processo educativo	Professores de duas escolas: uma municipal e outra privada	Observações, reuniões com as equipes diretivas e grupos de reflexão palestra. Duas palestras participativas em cada escola, com os temas relacionados a adolescência, práticas e estilos parentais e relação professor-aluno	A intervenção possibilitou a criação de um espaço para se perceberem as dificuldades e potencialidades do grupo além da melhora da comunicação entre equipe diretiva e professores e entre os docentes
Tuleski et al (2005)	Intervenção para desenvolver um trabalho de questionamento das relações estabelecidas nas escola referentes a indisciplina e a prática pedagógica	Alunos da quinta série de uma escola pública de Maringá	Observação e intervenção a partir de propostas de atividades e reflexões	Percebeu-se que a metodologia inadequada dos professores aumentava a indisciplina e que os alunos passaram a se interessar pelos conteúdos à medida que estes tiveram seus significados compreendidos por eles. Alguns professores conseguiram redimensionar seu olhar e a integração entre os alunos aumentou diminuindo a rivalidade entre eles e a própria indisciplina
Wagner, Dotta e López (2006)	Intervenção com o objetivo de auxiliar a professora a lidar com as demandas do grupo e com a indisciplina	28 alunos entre seis e sete anos, estudantes da primeira série do Ensino Fundamental de uma escola particular em Porto Alegre	Observação para confirmar a demanda. Cinco encontros com a turma para discussão e trabalho com: organização, disciplina, afetividade, auto-imagem, identidade, empatia, auto-imagem coletiva.	Possibilitou-se a professora o resgate do seu papel de educadora que favoreceu a integração com o grupo e o engajamento deste.

Fonte: a pesquisa.

Wagner, Dotta e López (2006) concluem que o resgate da autoridade do professor através do seu envolvimento emocional com os alunos é essencial para a intervenção e a partir disso é possível obter mudanças efetivas nas práticas do educador e romper com um antigo padrão de relacionamento, e com isso, beneficiar os alunos. Esses autores consideram que é possível fornecer suporte ao professor através de intervenções e que isso pode influenciar de forma significativa no processo de ensino-aprendizagem.

Como evidenciado por Pozzobon, Pezzi e Marin (2014) intervenções focando no relacionamento interpessoal podem trazer resultados que contribuam com o melhor andamento da instituição escolar. O próprio trabalho com as vivências pessoais e autoconhecimento, como evidenciado por Parolin e Caldeira (2007) contribui para que os professores possam ver a influência destes aspectos nos profissionais que são e assim cresçam em seus valores para exercerem seu papel de formadores de maneira íntegra. Patias, Blanco e Abaid (2009) sugerem as palestras expositivo-dialogadas como um início de comunicação mais aprofundada e forma de abrir um espaço para a efetividade da intervenção no espaço escolar.

Em sua conclusão, Tuleski et al (2005) enfatizam que não pretenderam deslocar a culpa do fracasso escolar para os professores, mas sim analisar as relações que geram problemas e dificuldades e concluíram dessa forma que o trabalho efetivo só é possível quando há um trabalho conjunto. O que vai de acordo com as considerações de Pozzobon, Pezzi e Marin (2014) de que o processo ensino aprendizagem é multifacetado e dessa forma não se deve responsabilizar apenas um autor desse processo e sim refletir sobre a participação de todos os integrantes para que se possa realmente planejar intervenções efetivas.

DISCUSSÃO

O aumento encontrado nas publicações referentes ao tema é compatível com a afirmação de que a partir dos anos 90 passou-se a dar maior importância ao tema de interação professor-aluno e das competências interpessoais na área educacional. (Del Prette & Del Prette, 2006).

A partir das quantidades referentes às áreas das publicações analisadas, retoma-se que a Psicologia historicamente não pertencia ao contexto escolar. Esta era uma área profissional que como problematiza a intervenção realizada por Tuleski et al. (2005), baseava-se em uma prática de psicologização das questões educacionais ao enfatizar o individual e a remediação. A partir dessa informação, chama a atenção o fato da psicologia ser a área que apresentou maior quantidade de pesquisas relacionadas ao tema da presente revisão sistemática. A abordagem utilizada pela maioria das pesquisas analisadas da área da Psicologia, contudo, não foi focada no indivíduo e sim no contexto, o que demonstra uma mudança no foco e na maneira de avaliar e intervir no ambiente escolar que apresenta avanços e benefícios. A segunda área que apresentou maior número de publicações analisadas foi a pedagogia, esse fator pode ser pensado a partir da hipótese de que os pesquisadores e professores se preocupam mais com a relação professor-aluno no período inicial dos anos escolares, ou acreditam que apenas podem influenciar na aprendizagem até uma determinada idade. Essa hipótese é reforçada pela quantidade de pesquisas analisadas referente a faixa etária de adolescentes, sendo de apenas dois artigos: Cabral, Carvalho e Ramos (2004) e Muñoz (2008).

Já a partir do resultado da quantidade de estudos envolvendo o tema de habilidades sociais surge a hipótese de que essa área de conhecimento denominada Habilidades Sociais ainda não é amplamente conhecida pelos professores, ou não é valorizada pelos pesquisadores. Isso é compatível com a afirmação de uma pesquisa realizada por Del Prette e Del Prette (1998) com professores que aponta para a valorização da aquisição de habilidades sociais por estes profissionais, porém pontua que os mesmos ainda não sabem como promovê-la ou ainda a confundem com a disciplina em sala de aula.

Apesar disso, reitera-se a importância da divulgação dessa área do conhecimento, pois a promoção de Habilidades Sociais dentro do contexto educacional é exemplo de um trabalho que pode ser utilizado como forma de prevenção e deve ser mais valorizado pelos profissionais (Lörh, 2001). Para enfatizar, Del Prette (2011) cita que a importância das habilidades sociais é mencionada em documentos-compromisso de agências de amparo à infância, orientadas pelo conceito de saúde da OMS como sendo parte do “estado de completo bem-estar físico, mental e social”. Essa autora também relembra que a própria OMS propõe que façam parte dos programas de saúde a promoção do que se chama “habilidades de vida”, ou seja habilidades sociais (Del Prette, 2011).

Quanto a análise dos artigos da categoria “relação professor-aluno” é possível constatar que a sociedade, as escolas e os professores já perceberam a urgência de que as relações no ambiente escolar sejam aprimoradas, pois consideram que a escola modificou e ampliou seu papel, cabendo a esta instituição contribuir também com a formação dos alunos enquanto cidadãos e sujeitos que são constituídos também pelas suas vivências, sentimentos e emoções. Contudo, ainda urge a necessidade de instrumentalização para os professores que ainda se sentem despreparados em relação a como agir diante desse novo cenário, apenas compreendem que não é mais possível permanecer como antes (Parolin e Caldeiras, 2007). Considerando o exposto ainda na análise dessa mesma categoria, conclui-se que a instrumentalização do professor a partir do trabalho com sua história pessoal e possibilidades de construir um ambiente são viáveis e podem proporcionar qualidade para a aprendizagem além de servirem como possíveis ferramentas para auxiliar o professor a lidar com os problemas pessoais e interpessoais dos alunos (Wagner, Dotta e López 2006).

Os artigos analisados na categoria “bullying, coerção e indisciplina” levam a reflexão de que a indisciplina muitas vezes resulta ou se intensifica devido à dificuldade dos professores de lidarem com esta, o que reitera a percepção que a instrumentalização dos profissionais da educação é imprescindível. Outra consideração a ser feita refere-se à incompatibilidade dos professores exigirem que os alunos gostem de aprender quando eles próprios tratam o conhecimento ou o estudo como desagradável a ponto de ser considerado como castigo.

Por fim, a última categoria analisada refere-se aos artigos que descreveram intervenções. Como é possível identificar a partir da tabela exposta, todas as intervenções concluem aspectos positivos quanto a seus resultados, dessa forma pode-se considerar que as intervenções são maneiras efetivas para a melhoria dos aspectos relativos ao relacionamento interpessoal no ambiente escolar, sejam estes: indisciplina ou dificuldades dos professores em lidarem com os alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do presente trabalho foi analisar a forma como as relações interpessoais são desenvolvidas no ambiente escolar no contexto nacional, principalmente entre professores e alunos. Percebeu-se que poucos artigos mencionam a área do conhecimento denominada Habilidades Sociais e analisam a relação professor-aluno a partir de outros vieses, considera-se dessa forma fundamental a divulgação dessa área de conhecimento tanto entre os pesquisadores quanto entre os professores.

É necessário ponderar que mesmo um trabalho de revisão sistemática tem suas limitações, sendo uma delas a análise da conclusão de outros pesquisadores, ou seja, na maioria das pesquisas não foi possível obter os dados brutos ou as observações na íntegra. Dessa forma, foi possível acessar apenas a interpretação dos pesquisadores sobre os temas e dados escolhidos por eles. Quanto a isso, sugere-se que futuros estudos considerem a possibilidade de utilizar meta-análises para uma compreensão mais aprimorada.

Limitações mencionadas por alguns artigos referem-se à obrigatoriedade da participação na pesquisa ou intervenção a partir da utilização da hora-aula dos professores. Também a pouca quantidade de professores participantes nas pesquisas ou intervenções nas quais as instituições não forçaram sua participação. Dessa forma, nessas instituições é necessário considerar que os participantes provavelmente já são mais predispostos ou preocupados e interessados em relação à qualidade de seu trabalho, o que dificulta ou mesmo impede a generalização dos resultados ou interpretação precisa do trabalho dos professores como um todo.

Os estudos analisados utilizaram diversos desenhos de pesquisa e diferentes instrumentos para avaliação, sendo alguns formais e outros informais. A comparação entre os estudos, portanto, foi dificultada dada a variedade tanto para mensuração dos dados quanto para a posterior análise destes. Sugere-se que estudos futuros cogitem sobre a possibilidade de utilizar instrumentos semelhantes ou mesmo construir um instrumento que possa mensurar a qualidade da relação professor-aluno a partir das diversas variáveis presentes no contexto escolar, abordando mais de um sujeito (professores, alunos e outros participantes).

Considera-se também a presença de uma queixa constante quanto à dificuldade de trabalhar com os alunos devido à falta ou despreparo na formação. Dessa forma, sugere-se que futuros trabalhos investiguem a formação inicial tendo em vista a melhoria desta. Sendo necessário igualmente o investimento na formação continuada para suprir as dificuldades apresentadas pelos professores que já atuam. Sugere-se o investimento tanto na formação inicial quanto na continuada no sentido de instrumentalização para que possam lidar com as questões emocionais e relacionais dos alunos, pois se percebeu que muitos trabalhos mencionam a importância destes, contudo não abordam as maneiras pelas quais seria possível possibilitá-lo e então os professores ainda se sentem desamparados quanto a isso.

Ainda sobre o trabalho referente às questões emocionais e relacionais dos alunos, os artigos abordam a importância deste para as questões da aprendizagem, entretanto poucos trabalhos realmente mensuram a aprendizagem. Com relação a isso, sugere-se que futuras

pesquisas referentes ao tema utilizem instrumentos para mensurar a aprendizagem e verificar empiricamente a influência da relação professor-aluno, da intervenção e dos aspectos relacionais e emocionais na aprendizagem.

Considera-se por fim que o presente trabalho colaborou para compreensão de como a relação interpessoal entre professores e alunos tem sido abordada no contexto escolar brasileiro, apontando as dificuldades ainda existentes e as possibilidades que já estão sendo abordadas para que sejam aprimoradas e assim possibilitem que essa temática continue a ser explorada e trabalhada tendo em vista o benefício que pode trazer para a melhora do ambiente escolar e conseqüentemente da aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- Arön, A. M., & Milicic, N. (1994). *Viver com os outros: programa de desenvolvimento de habilidades sociais*. (J. P. dos Santos, Trad.). Campinas: Livro Pleno.
- Bento, M. C. M., & Santos, I. G. D. S. I. (2014). Atitudes do professor em sala de aula: um estudo. *Educação, Cultura e Comunicação*, 5(9), 47-56.
- Brascher, A. C. (2000). Objetivos socioemocionais das atividades de conhecimento físico. *Ciência & Educação (Bauru)*, 6(2), 75-88.
- Cabral, F. M. S., de Carvalho, M. A. V., & Ramos, R. M. (2004). Dificuldades no relacionamento professor/aluno: um desafio a superar. *Paidéia*, 14(29), 327-335.
- Cia, F.; Barham, E. J. (2009). Repertório de habilidades sociais, problemas de comportamento, autoconceito e desempenho acadêmico de crianças no início da escolarização. *Estudos de Psicologia*, 26(1), 45-55.
- Del Prette, Z. A. P. (2011). *Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e prática* (5a ed.). Petrópolis: Vozes.
- Del Prette, Z. A. P., Del Prette, A. (1997). Um programa de desenvolvimento de habilidades sociais na formação continuada do professor. *CD-rom "Melhores Trabalhos"*. Associação Nacional de Pesquisa em Educação. Recuperado de <http://www.rihs.ufscar.br/wp-content/uploads/2015/02/Um-programa-de-desenvolvimento-de-habilidades-sociais-na-forma%C3%A7%C3%A3o-continuada-de-professores.pdf>
- Del Prette, Z. A. P., Paiva, M. L. M. F., & Del Prette, A. (2005). Contribuições do referencial das habilidades sociais para uma abordagem sistêmica na compreensão do processo de ensino-aprendizagem. *Interações estud. pesqui. psicol*, 10(20), 57-72.
- Del Prette, Z. A. P. & Del Prette, A. (1998). Desenvolvimento Interpessoal e educação escolar: o enfoque das habilidades sociais. *Temas em Psicologia*, 6(3), 205-215.
- Del Prette, Z. A., & Del Prette, A. (2006). Psicologia educacional, forense e com adolescente em risco: prática na avaliação e promoção de habilidades sociais. *Avaliação Psicológica*, 5(1), 99-104.
- Díaz Muñoz, M. A. (2008). Educação nos valores: a pergunta pelo. *Revista Tecer*, 1(1), 112-127.

- Feitosa, F. B., Del Prette, Z. A., Del Prette, A., & Loureiro, S. R. (2011). Explorando relações entre o comportamento social e o desempenho acadêmico em crianças. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 11(2), 442-455.
- Fiss, D. M. L., & Barros, R. D. Á. (2014). Escola, currículo e identidades juvenis: efeitos de sentido no discurso de professores¹. *Educação*, 37(3), 369-380.
- Gauthier, C., & Tardif, M. (2010). A pedagogia de amanhã. In: Nome completo abreviado do autor, Sobrenome por extenso. *A pedagogia: teorias e práticas da antiguidade aos nossos dias*. (xa ed., Cap. xx, p. 475-486). Petrópolis: Vozes..
- Gardinal, E. C., & Marturano, E. M. (2007). Meninos e meninas na educação infantil: associação entre comportamento e desempenho. *Psicologia em Estudo*, 12(3), 541-551.
- Guimarães, A. A., de Souza, A. C., & da Silva, I. T. (2009). O significado da indisciplina no cotidiano da escola. *Nuances: estudos sobre educação*, 6(6), 116-122.
- Junckes, R. C. (2013). A prática docente em sala de aula: mediação pedagógica. *Anais do Simpósio sobre Formação de Professores: Educação Básica: Desafios frente às desigualdades Educacionais*, Tubarão, SC, Brasil. Recuperado de http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/eventos/simfop/artigos_v%20sfp/Rosani_Junckes.pdf
- Libório, A. C. O., & Neves, M. M. B. D. J. (2010). Interações sociais e clima para criatividade em sala de aula. *Aletheia*, (31), 168-183.
- Lopes, C. S., & Gasparin, J. L. (2008). Violência e conflitos na escola: desafios à prática docente-DOI: 10.4025/actascihumansoc.v25i2.2192. *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences*, 25(2), 295-304.
- Lörh, S.S. (2001). Desenvolvimento de habilidades sociais como forma de prevenção. In: Guilhardi (Ed.). *Sobre comportamento e cognição: expondo a variabilidade* (Vol. 8, p. 190-194). São Paulo: Editora. Martinelli, S. D. C., & Schiavoni, A. (2009). Percepção do aluno sobre sua interação com o professor e status sociométrico. *Estudos de Psicologia*, 26(3), 327-336.
- Molina, R. C. M., & Del Prette, Z. A. P. (2006). Funcionalidade da relação entre habilidades sociais e dificuldades de aprendizagem. *PsicoUSF*, 11(1), 53-63.
- Mondin, E. M. C. (2005). Interações afetivas na família e na pré-escola. *Estudos de Psicologia*, 10(1), 131-138.
- Muñoz, M. A. D. (2008). Educação nos valores: a pergunta pelo quem. *Tecer*, 1(0), 122-127.
- Oliveira, M. H. D. (1998). *Analisando a relação professor alunoprofessor-aluno: do planejamento à sala de aula* (2a ed., Coleção ensinando-aprendendo – Cadernos Brasileiros de Educação, Vol. 5). São Paulo: CLR Baleiro. Paiva, M. L. M. F., & Del Prette, Z. A. P. (2009). Crenças docentes e implicações para o processo de ensino-aprendizagem. *Psicologia Escolar e Educacional*, 13(1), 75-85.
- Parolin, I. C. H., & Caldeira, R. C. T. (2007). Formação de professores: um investimento em autoconhecimento. *Revista Psicopedagogia*, 24(74), 169-181.
- Patias, N. D., Blanco, H. M., & Abaid, J. L. W. (2009). Psicologia escolar: proposta de intervenção com professores. *Cadernos de Psicopedagogia*, 7(13), 42-60.

- Picado, J. D. R., & Rose, T. M. S. D. (2009). Acompanhamento de pré-escolares agressivos: adaptação na escola e relação professor-aluno. *Psicologia: ciência e profissão*, 29(1), 132-145.
- Pizato, E. C. G., Fontaine, A. M. G. V., & Marturano, E. M. (2014). Trajetórias de habilidades sociais e problemas de comportamento no ensino fundamental: influência da educação infantil. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 27(1), 189-197.
- Pozzobon, M., Pezzi, F. A. S., & Marin, A. H. (2014). Compartilhando saberes: relato de uma intervenção com professores. *Aletheia*, (43-44), 239-247.
- Saud, L. F., & Tonelotto, J. M. D. F. (2005). Comportamento social na escola: diferenças entre gênero e séries. *Psicologia Escolar Educacional*, 9(1), 47-57.
- Tognetta, L. R. P., & Vinha, T. P. (2010). Até quando? Bullying na escola que prega a inclusão social. *Educação (UFSM)*, 35(3), 449-464.
- Tuleski, S. C., Sponchiado, D., Menechini, A. N., Silva, E. F. D., Eidt, N. M., & Colchon, P. D. (2005). Voltando o olhar para o professor: a psicologia e pedagogia caminhando juntas. *Revista do Departamento de Psicologia-UFF*, 17(1), 129-137.
- Viecili, J., & Medeiros, J. G. (2002). A coerção e suas implicações na relação professor-aluno. *PsicoUSF*, 7(2), 229-238.
- Wagner, A., Dotta, R. M., & López, V. B. (2006). O resgate da relação professor-aluno: uma intervenção no espaço escolar. *Educação*, 29(3), 636-643.

Recebido em: 05-06-2017

Primeira decisão editorial: 18-06-2017

Aceito em: 30-06-2017

